

ALVORADA

1.º Anno

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 14

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues

Redacção e administração
Rua da Republica, 154
GUIMARÃES

Director,
N. L. de Carvalho

Propriedade da Empresa da «Alvorada»

Guimarães, 25 de fevereiro de 1911

Administrador,
Rodrigo Pimenta

Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesse
R. DE PAYO GALVÃO

COISAS DA NOSSA TERRA

Conversando

De tal modo estamos imbuídos na modorrice historica desta adormecida terra provinciana, que a vida aqui tem para nós a mais perfeita continuidade, a mais compassada regularidade.

Os factos e accidentes diarios repetem-se pontualmente, periodicamente, sem intervallos de tempo absolutamente eguaes, num verdadeiro isochronismo pendular.

Se acaso o mais ligeiro obstaculo vem antepôr-se a esta trajectoria uniforme, a esta pachorrenha vida *vegetativa*, logo o alarme se alevanta, barafustando e gritando. E' por tal razão que tantissimas vezes apreciamos em terra extranha os nossos bons patricios alagados em suôres, vermelhos e furibundos, perdida a bússula, tropeçando em tudo e em todos, completamente desorientados. Mas isto é bem simples: o pacato cidadão foi deslocado do seu meio proprio e, conseguintemente, aquelle organismo moral e physico, essencialmente estavel, foi profundamente abalado em suas largas bases. Porque emfim,

—costumava palitar ás tantas horas... e não palitou!

—costumava dar dois dedos de cavaco na pharmacia, no logista proximo, ou no barbeiro amigo... e não conversou!

—costumava ler a gazeta na varanda, sobre o quintal, com os pés ao sol... —não leu e tem os pés gelados!

—costumava dormir uma *sonêca* assobiada, resonada, ao cahir da tarde... e não conseguiu dormir!

Vejam agora os desequilibrios que tudo isto pode causar a uma creatura com os seus *costumes* inveterados e com muitissimos annos de adaptação! E' terrivel! Ora, acima de tudo está o socego... Boa digestão é o essencial enquanto *por cá* andamos. O resto é maçada e despeza...

Desta causa prima, desta maneira de encarar a vida, excessivamente egoista e commodista, dos nossos concidadãos resulta, quiçá, o phenomeno consequente de a nossa vetustissima cidade se conservar, quanto a progresso, numa oscillação, ora positiva ora negativa, para não dizermos que ella jaz, por completo, na quietação das coisas inertes.

Parece-me que não será desproposito fallar-se um pouco do adeantamento da nossa terra e do espirito dos seus esclarecidos habitantes, quando nos lembramos de coisas espantosas como esta:

—Porque será que nós, os de Guimarães, temos ás *móscas* e ás *aranhas* o nosso pequeno theatro? Porque será que assim lan-

çamos ao mais completo desprezo, a um odio quasi cego a sublimidade da arte dramatica? Acaso nós perdemos o gosto de tudo o que representa belleza, de tudo o que diz moral, educação, instrução?

—«Não é bem assim, ouço p'r'ahi a alguém, o nosso theatro abre-se frequentemente...». O meus patricios, não sejaes ironicos! O theatro do Grande Affonso abre as suas portas solemnemente, excepcionalmente, duas vezes no anno! Uma vez é a *brisa*, no 1.º de dezembro, num grande impulso patriótico... infantil; a outra costuma ser agora, no Entrudo, para um baile de mascarar, onde se exhibe a pelintrice indigena, em polkas espinoteadas e quadrilhas que quasi sam *quadrilhas!* Temos o épico e o burlesco. Fôra *disto* o theatro dorme o somno mansissimo dos edificios deshabitados.

«Nem só de pão vive o homem». O alimento do espirito é tão necessario como o pão que comemos.

Eu sei: nós temos um excessivo amor ao dinheiro.—Mais do que a economia, quasi a avareza. As proprias classes abastadas, logo que se trate de gastar uns cobres sem que o lucro, o juro resulte palpavel, material, sonante—sam as primeiras a esconder-se, a retrahir-se.

Depois, ha uma atmospheria bisonha nesta terra requintadamente burgueza; nós chegamos a ter receio, desconfiança em nos remirmos, em sermos sociaveis! Noutros meios, mais pequenos ainda que o nosso, os homens, os novos, a par do trabalho, cultivam o espirito e cultivam o corpo, pelo *sport*, pela vida franca, ao ar livre, á luz, ao sol. Em Guimarães cultiva-se o botequim, de dia, e o tasco, de noite. Por sua vez, as senhoras passam os annos em casa, numa vida enclosurada, quasi conventual encolhidas na cella, no gymneceo, costurando e architectando rendas.

Tudo isto, parecendo banal, eu julgo razão para explicar a falta de gosto que na nossa terra se manifesta haver pelas coisas superiores, particularizando o theatro. Se assim não fôra, poderia vir aqui, de quando em vez, uma boa companhia dramatica.

Não me reporto a esse genero de *revistas*, tanto em voga e que tão profundamente marca uma decadencia e uma depravação em logar de representar um agente educador, ou a esses dramalhões que outr'ora arrancavam lagrimas e gritos commovidos—mas refiro-me sim ao bom theatro, que

o temos, bem nosso, bem portuguez, bem nacional.

Mas eu peço-vos theatro, sem me lembrar de quantos esforços foram precisos para hoje vos irdes habituando, sequer, a esse animatographo, um espectáculo tão vulgarizado pelas quatro partidas do mundo! Foi necessario entrar com o engodo da *Vida do Christo*, fallada e calada, para vos convencerdes, boa gente, de que uma simples projecção luminosa nada possui das artes magicas e satanicas, de perigoso para os vossos corpos ou para a salvação das vossas bemaaventuradas almas!

Eduquemos o nosso espirito, patricios meus. Dêmos um pouco de vida e movimento e acção á nossa terra, porque se este paiz, no que respeita a civilização, vae na rectaguarda das nações modernas, Guimarães vae por certo na rectaguarda de Portugal.

Isto fica-nos tão mal... que até nos podem chamar *thalassas*...

Um cá do burgo.

Só fufas de gargalhada

Cynematographo

Baile depois do espectáculo

As multidões agitadas

Todos conhecem as consequencias das multidões agitadas na defesa dos seus sagrados principios.

Essas grandes massas populares, quer homogeneas, quer heterogeneas lançam algumas vezes destemidamente a sua obra destruidora, sem que possamos condemnar-lh'a, pois que, segundo diz Le Bon—a acção inconsciente das multidões substitue—a acção consciente dos individuos. Quantas vezes ellas levantam a sua voz de Justiça para dictarem aos Reis a sua conducta, porque não é nos conselhos dos principes mas sim na alma das multidões que se preparam os destinos dos povos.

Outras vezes afundam thronos e partem sceptros vigorosos, abrindo para a civilização novas eras e para a patria periodos de redempção. Nos grandes imperios da antiguidade, as multidões intervieram e tiveram sempre grande influencia na marcha politica daquelles povos, condemnando muitissimas vezes os erros dos homens que as governavam, obrigando-os a enveredar pelo caminho da honra e do dever.

Nos tempos modernos são ellas que nos abrem largos horizontes para o futuro, para podermos

Aos pequenitos da minha terra

O POMBO

Na fonte do meu quintal
(que as folhas cobrem, de leve,
emquanto escrevo estes versos),
bebem a agua de neve
casas de pombos, diversos,
um pato branco e um pardal
na fonte do meu quintal.

E entre o pato ocioso,
o pardal lesto, matreiro,
e o ar dos pombos, vaidoso,
oiço, de cá, do telheiro,
onde não fala ninguem,
o pato a um pombo ralhar:
—*Ingenuo!*... *E' de vagar
que a agua nos sabe bem!*

Responde o pombo doirado:
—*E os filhos que lá estão?!...*
*E o vento ruim, malfadado,
d'esta estação!...*
*Quem é que os cria,
quem é,
se só eu lhes abro a aza?...*

E as pombas, d'esta ironia,
subiram n'uma maré,
todas a arfar, para casa...

—*Ah!*... *maganão!*
As manhas que tu possues!...
(bradou o pato, sorrindo):
*Bebes as aguas azues
e as mulheres... hei-l'as, lá vão,
n'um vôo alto e tão lindo
que cada uma esvoaça,
toda medrosa, ao casal!...*

Quem me dêra ter a graça
das aves do meu quintal!...

Alfredo Guimarães.

progredir na obra redemptora da civilização, e emancipar-nos do scepticismo antigo. Na grande revolução franceza, acentua-se bem o poder e o valor das multidões no grande periodo de redempção que ellas abriram a todo o mundo civilizado. Haverá alguém que, sem se prender com um estudo psychologico e evolutivo das multidões, e sem se basear na essencia das causas que determinaram os grandes acontecimentos, condemnem peremptoriamente os actos desse povo heroico. Isso mesmo aconteceu a Taine, o grande philosopho e o maior historiador dos tempos modernos, que por haver estudado a Revolução só como naturalista não a comprehendeu perfectamente por não haver estudado «a psychologia das multidões»; do que resultou ao grande sabio um enor-

me espanto ao ver desenrolar deante de si desenfreadamente espectaculos de verdadeira anarchia. Como as multidões nos apresentam aqui um caracter sanguinario e selvagem, se não attendermos a que todos os morticínios e violencias se baseavam na conquista de um novo ideal que o povo desejava, e quebrar para sempre o jugo despotico que o opprimia.

No nosso paiz estam-se operando, longe, muito longe de ter esse caracter, alguns acontecimentos notaveis.

E' por isso que o momento presente constitue para Portugal, um destes momentos de expectativa, porque o pensamento de muitos homrnis está em via de transformação.

As ideias do passado apesar de poderosas ainda, tendem a de-

EM FOCO...

O tribunal do povo, o verdadeiro tribunal é—na rua!

sapparecer; mas não podemos elemental-as completamente, porque as que hão-de substituí-las ainda não estão bem arregadas na alma do nosso povo, do que resulta atravessarmos uma epocha de agitação. Desde o dia 5 de outubro que as multidões do povo português, levantaram o grito fatal de condemnação contra as velhas instituições, como ainda hoje se levantam de novo para reprimir aquelles que ainda se atrevem a perfilhar um passado de descredito e de vergonha. Estes actos das multidões agitadas não podemos condemnal-os, porque ellas pugnam por um incontestavel direito, e que o seu grau de civilização e o espirito da epocha exigem. As multidões não racionam, e como tal regeitam ou approvam em globo, sem admitir nem discussões nem contradicções, e se alguma suggestão sobre ellas actua a respeito de um dever a realizar, invade logo o campo de acção e transforma-se immediatamente em actos. Eis o que aconteceu em Lisboa, quando se proclamou a Republica.

Esse nobre e heroico povo suggestionado pela idéa do dever, constituiu-se em multidão com uma coragem desmedida, e de repente substitue o regimen monarchico pelo republicano. Vendo vingados os seus direitos civicos, as multidões não continuaram na sua obra de exterminio, como muitas vezes acontece, antes pelo contrario humildes e pacientes, restabeleceram a tranquillidade logo que haviam conquistado o seu ideal.

E' esta a moral dos fortes e a doutrina dos que combatem livres de preconceitos.

Mais tarde uma força impulsiva de novo obriga as multidões a levantar a sua voz de justiça, e commette actos menos honrosos segundo uns, e necessarios segundo outros. Era de prever isso!.. O povo havia pouco tempo que, sem perda da sua propria vida, combatera a ferro e fogo em defesa de um ideal de liberdade e de justiça, via os mal intencionados deturpar-lhe a sua obra redemptora e, de repente, arma-se da coragem precisa para de novo destruir as ervas daninhas que ainda pretendem vicejar n'este jardim libertado. Foi o que aconteceu aos jornaes monarchicos de Lisboa e ha dias no Porto a «Palavra»; foram assaltados e destruidos.

E' possivel que muita gente chame crimes e vandalismos a estes impulsos de revolta da multidão indignada, mas o que é verdade é que não podemos condemnar-lh'os attendendo a que as multidões não refazem o seu espirito senão para adquirir maior força, e a provocação que por parte de alguns jornaes era feita contra aquelles que não militavam no seu credo politico por certo modo que vinham pedindo esse desforço desde ha muito.

Doe; mas é assim mesmo! O que julgamos do nosso dever, é esclarecer nitidamente os factos para que a luz da razão e da logica elles sejam bem entendidos, e os incautos e os indifferentes não julguem os acontecimentos filhos do odio e da perseguição, mas sim motivados pela agitação das multidões na defesa dum ideal que conquistaram á custa da sua vida e do seu sangue.

Spes.

Fitas de gargalhada

CINEMATOGRAFO

Carnaval dos carnavaes

A imprensa, que no seu furor noticioso nunca deixa de nos fornecer o prato requentado e banal das partidas e chegadas do sr. fulano, condimentado com as *delivranças* felizes da sr.^a beltrana; a imprensa, que faz a bisbilhotice do *Di-z-se*, que rodopia á volta dum escandalo, que, finalmente, denuncia os anniversarios natalicios—por certo, ha! por certo que não deixára passar sem a sua attenta apreciação, essa viva, ruidosa e eloquente manifestação popular de ha oito dias, manifestação que constituiu, por assim dizer, o *verdictum* publico, ou seja a ultima palavra sobre o julgamento de D. Amelia Vieira!

Sem duvida que a imprensa, buscando do acontecimento a psychologia que elle traduz, aproveitou o bom ensejo de fallar na magnetica e imperiosa consciencia collectiva... consciencia que, se não é ainda—e com pezar o dizemos!—perfeita ou sequer regular, é todavia alguma coisa que por certo modo se evidencia, dando de si rebate intensivo e forte, e isso basta, para que haja alguém que não lhe assignale o acordar.

A imprensa, por consequencia, devia ter explanado as suas considerações—acreditamos todos que o fez!—sobre os episodios desenrolados ante seus olhos.

Sim, porque a verdade é que se viu ser do povo o verdadeiro tribunal—a rua!

Não foi a lama das ruas levantando imprecacões de vindicta e sangue, o povo aos gritos de—«Crucifique-se!» «Crucifique-se!» Simplesmente o povo, cheio de democracia, clamava que a lei fosse igual para todos—ricos e pobres.

Sentimentos de piedade e de bondade, anceios de justiça e de perdão, quem os tem, quem os evidencia mais delicados e magnanimos que o povo? Ah! elle comprehendia, elle via que toda a sciencia dos chimicos e toda a habilidade da defeza não seriam para elle—o humilde, o pária, o desgraçado—em egualdade de circunstancias!

A ré, era das classes privilegiadas... Um pouco de humanidade faria o resto!

Não foi assim?

Todos o sabem, todos o viram, sempre assim fôra, e a prova é que uma nodoa de subserviencia veio descobrir descaradamente esta verdade!

O jury nem sequer salvou as apparencias. O jury foi duma magnanimidade... desrespeitosa, senão provocante!

E o povo olhando-se a si... quiz explicar o facto pela cathgoria da criminosa...

—Se fosse um pobre!...

Ai, como é bom perdoar, como é bom, quando o perdão, lagrima de Deus! é filho do amor e da fraternidade; quando o perdão, beijo da luz! não distingue, não

escolhe pelos attributos do favor social!

Se todo o criminoso é um doente... como é bom perdoar, como é bom!

Desigualdades de trato, ainda mesmo que não traga prejuizo de terceiros, é isso que o povo observa, foi esse o significado do protesto que na rua constituiu o *verdictum* de suprema justiça—o julgamento soberano da ré D. Amelia Vieira!

Melhor do que os parabens que lhe offereceram, as felicitações e os abraços que a *alta roda* deixou cair no seu regaço de... *victima rehabilitada*, muito melhor lhe deve fazer esse escachoar da multidão nas ruas, ferindo com as suas vozes de protesto a nota primordial do sentimento humano... grande pela justiça e forte pela verdade!

Que o povo não lhe quer mal, não lhe deseja mal, disso é prova a serenidade e o rictus de amargura com que a olhava ao vela passar da cadeia para o tribunal e do tribunal para a cadeia, nesses dias do seu julgamento que quasi encheram uma semana.

O povo é bom, dizei-lh'os, ó cortezãos! vós que a tendo esquecido durante dous annos no mudo escuro do carcere, a felicistastes no momento final do julgamento, quando as portas da vida se lhe escancaravam generosas!...

Perdoar, sim, é bom, mas muito melhor é perdoar em nome da Verdade!

—Se fosse um pobre!...

Assim o povo se pronunciava, pezando na amargura da injuria... de ser pobre, a resposta sacramental do jury:

—«Não approved por unanimidade»!

Melhor que os parabens que lhe offereceram, as felicitações e os abraços que a *alta roda* deixou cair no regaço da... pobre creatura, muito melhor lhe deve ter feito esse escachoar da multidão nas ruas, ferindo-lhe com as suas vozes de protesto a sensibilidade mais compungida do arrependimento e fixando-lhe na memoria a certeza de que o ultimo, senão o maior dos tribunaes é aquelle em que o povo é juiz!

Tudo o mais já a solicita e zelosa imprensa explorara—não é verdade?

Que falta, pois?

Dizer quanto nos encantou a maneira brilhantissima e superior como se houve no desempenho da sua missão o delegado da Republica sr. dr. Miguel Tobim; mas, melhor que referencias ou elogios, melhor que as nossas palavras valem aquelles applausos com que algumas vezes da teia o publico entusiasmado, esquecido do logar denunciava a muita admiração ao seu talento.

Não ha duvida que foi inolvidavel! Parabens ao distincto magistrado... e á terra que o possui.

Pela instrução

(CONTINUADO DO N.º 9).

Em a nossa ultima palestra referimo-nos á benéfica e altruista obra dos dois benemeritos portugueses Condes de Ferreira e Agrolongo, qual delles mais prestante ao seu paiz e aos seus conterraneos.

Como toda a enumeração de occorrencias similares seja indispensavel, na hora presente, a despertar o quasi indifferentismo pela instrução popular, não podemos deixar no olvido igualmente a rememoração desse infatigavel cidadão republicano, que se tem affirmado, dum modo indiscutivel, crédor da estima e consideração publicas, já pela sua incessante actividade commercial em todo o paiz e seus dominios, já no empenho com que se tem abalançado a tornar menos difficulosa a instrução aos filhos dos seus empregados, estabelecendo e dotando, para isso, numerosas escolas. Queremos referir-nos a Francisco Grandella, esse conhecido propagandista da Republica que, num gesto sublime, lhe offertou todos os seus haveres, dando assim uma prova do seu entranhado amor ás novas instituições e da absoluta confiança que lhe merecem os nossos actuaes dirigentes.

Todos elles, cada um na sua especialidade, se teem destacado dum modo tão saliente que superfluo seria rememorar-lhe a grandiosa obra de regeneração a que se dedicou neste Paiz, onde sempre valeu mais a empenhosa do que o merito, a padrinagem do que o talento, o direito da força do que a força do direito! E hoje vemos, com admiração, que todos os opprimidos teem tido a sua hora de justiça, e, tanto mais depressa attendidos, quanto mais humilde é a esphera social em que gravitam.

Ha apenas 4 menses que a Republica se implantou e, neste diminuto praso, a classe do professorado primario tem sido mais favorecida do que o foi em 40 annos de Monarchia.

As medidas já tomadas em seu beneficio e as que se projectam para breve, são de molde, attendendo á occasião, a deixar relativamente satisfeitos aquelles que até agora eram ouvidos com desdém e supportados com enfado, nas suas mais justas reclamações.

A deferencia do Illustre Ministro do Interior, visitando, no Porto, uma escola primaria—o que nunca fizera ministro algum monarchico; a constante labutação de acções perduraveis e altamente humanitarias de sua ex.^a, bem como do Illustre Director Geral, senhor Dr. João de Barros, são provas mais que sufficientes a demonstrarem quanto está proxima a emancipação material da nossa ludibriada classe, e, conseguido isto, o professorado, sabendo-se apreciado e attendido pelos seus superiores lançar-se-ha, ninguem o duvide, a coadjuvar insistentemente a obra de regeneração tão necessaria, das classes proletarias, e quicá daquellas mesmas que se julgam isentas de mais aperfeiçoamento.

Ainda ha bem poucos dias, o Illustre Ministro do Interior, como tendo sempre presente as difficuldades orçamentaes dos seus subordinados—os professores primarios, officiaes ao seu digno collega do Fomento sollicitando, para nós, uma redução de 50 % nas viagens em linhas ferreas do Estado! E' mais uma prova de que sua Ex.^a não descursa um só

dia o melhoramento da nossa situação, e é assim nesta orientação toda sollicitude e beneficio que sua Ex.^a cimenta a dedicada gratidão e affecto que desde logo colheu no meio do professorado, já com os factos, já com a promessa de novas garantias.

Bem haja, pois, quem assim dá força aos fracos, protecção aos desvalidos e justiça aos perseguidos; a sua obra ficará sempre fulgurante no seio do professorado, como a obra mais redemptora, da actualidade, para a nossa classe.

O pauperismo e o analfabetismo são os dois cancrios que ainda infectam a massa popular; a ambos prometteu o actual Governo remediar até conseguir a sua extirpação; em bom caminho vão seguindo esses esforços que, de todos coadjuvados, acabarão por vencê-los e destrui-los.

O grande, direi mesmo, o imenso numero de escolas creadas, em tão pouco tempo, vem corroborar o conceito em que geralmente se teem as elevadas qualidades dos nossos dirigentes, que rigorosamente vão cumprindo o seu programma. Por toda a parte se nota um subito despertar de inergias, tendentes a fazerem, da escola primaria, a alavanca com que se impulsione as gerações proximas á conquista de ideaes mais puros e consentaneos com a fraternidade humana. E' que, por entre as brumas da descrença, surge affim o sublime prego da humanidade, em toda a sua grandesa moral, unica capaz de a tornar feliz—amae-vos uns aos outros!

(Continúa).

M. B.

Cynematographo

Domingo, Segunda e Terça-feira

Tribuna livre

O que nós somos... sem reflectir

Rirmo-nos dos pobres aldeãos que abordam ao povoado vestidos com um traje que nos attenciona ou da barba exquesita que elles usam—isso é uma falta de respeito, mas, sobretudo, uma falta de humanidade, porque nós ao rirmo-nos não nos lembramos que o nosso riso magôa grandemente o espirito desse homem adoravel, e adoravel porque? Porque é elle que subjugou a todo o tempo, rasga sem temor as productoras entranhas da terra, lançando-lhe o germen que é a semente do pão e da batata que nos alimentam a vida corporal, enquanto nós procuramos nos bancos duma escola a vida espirital.

E rirmo-nos! Rirmo-nos quando deviamos chorar, ao ver a desigualdade em que a humanidade ainda vive.

Enquanto nós de perna crusada e recostados em estofada cadeira observamos de bom grado, a passagem duma linda peça theatral, ou sentados num café gosando as delicias dum aromatico charuto, o nosso pae, quem sabe? cheio de cansaço da fadigosa vida campestre a que a crua sorte o determinou, chora amarga mas inutilmente, os estragos causados aos vegetaes que acaricia, pela impiedosa geada que nestes dias cae.

E é isto a vida de hoje? Porto, 18—2—1911.

Rodrigo Lemos.

Centro Republicano

Para resolver sobre uma proposta dimanada da direcção foi convocada a assembleia geral. Algumas moções apresentadas agitam a assembleia.

Importante, sem duvida, pela concorrência, a Assembleia Geral que em primeira convocação se realisára terça-feira desta semana, pelas 9 horas da noite.

Preside o cidadão Alvaro Penafort tendo a secretarial-o Abel Cardozo e Joaquim de Menezes.

O motivo da reunião consistia em consultar a assembleia sobre se estava de accordo que abrindo-se o Centro todas as noites ali se installassem jogos licitos com o intuito de fazer pelo *clubismo*, sem prejuizo dos outros meios, a aproximação entre os correligionarios.

Entendeu a direcção fazer essa consulta á assembleia visto não estar tal ponto previsto pelo regulamento fundamental do Centro.

Posta a questão e sobre a qual tomaram a palavra diversos correligionarios, pronunciou-se a assembleia pró e contra esta proposta, ficando alfin approvada por maioria, sendo nomeada uma commissão de dous membros para a installação e regulamentação dos jogos.

Diversas considerações entendeu dever expôr o cidadão presidente sobre a creação duma escola, gabinete de leitura, distribuição de livros etc., etc., tudo tendente a demonstrar qual seria a applicação a dar ao producto dos mesmos jogos.

Como a exposição fosse demorada e tal plano de instrucção esteja previsto e auctorisado pela lei fundamental do Centro não carecendo por tanto de ser dirigida a consulta previa á assembleia, foi por o cidadão A. L. de Carvalho objectado que a direcção em materia de instrucção faria tudo quanto os seus recursos lh'o permitissem, julgando ser todavia mais opportuno no actual momento (e a assembleia por certo concordaria nisto) que toda a sua maior preocupação, todos os seus bons serviços deviam antes fixar-se neste pensamento: — fazer no concelho a sementeira das ideias republicanas. Tudo o mais viria por sua vez, a seu tempo, o que dada a confiança da assembleia na direcção esta tinha por si poderes para resolver, achando por tanto extemporanea a consulta naquella altura. A estas considerações que uma parte da assembleia achou justas, o sr. presidente respondeu por maneira inconveniente e com um pouco até de desprimor.

Foram depois lidas pelo mesmo correligionario Carvalho as seguintes propostas:

«O Centro Republicano de Guimarães servido pela mais perfeita solidariedade de todos os republicanos, testemunha o seu applauso muito caloroso e muito sincero á acção modelar e digna do cidadão administrador do concelho Dr. Eduardo d'Almeida.»

«O Centro Republicano de Guimarães em assembleia do partido, profundamente compenetrado da leal dedicação que anima a Comissão Municipal Administrativa, manifesta-lhe a sua inteira confiança, certo de que ella vem servindo os interesses deste concelho e consequentemente os da Republica.»

«O Centro Republicano de Guimarães edentificado com o espirito revolucionario do partido republicano, exprime o desejo de que não haja necessidade de repeti-

rem-se os acontecimentos de Lisboa, Coimbra e Porto.»

O Centro Republicano de Guimarães combatendo o caciquato politico, ainda mesmo o dos seus correligionarios, saudá todos quantos honesta e desinteressadamente adheriram á Republica.»

O cidadão tenente Abilio de Meirelles propoz que essas propostas fossem votadas por aclamação.

O cidadão Seraphim Rodrigues não concorda, achando que isso representa uma coacção.

A assembleia divide-se, sendo o auctor das propostas convidado a justificar-as, o que faz.

Quanto á primeira ella tinha a sua razão de ser no facto de ser preciso desfazer uma campanha que ao longe se tinha impensadamente promovido contra o digno administrador do concelho. Agora que o Centro Republicano tinha em si todas as energias e vontades republicanas, queria parecer-lhe que uma tal resolução só traduziria para o partido local uma afirmação de unidade politica, ao mesmo tempo que se fazia uma reparação justissima.

Os correligionarios Francisco Beltrão, Guilhermino Rodrigues, Manuel Ferreira e outros, affirmando a sua sympathia pelo cidadão Dr. Eduardo d'Almeida, votaram todavia contra a proposta por a julgarem inopportuna.

A segunda proposta que o seu auctor justificaria pela necessidade evidente de mostrar á opinião publica quanto não havia motivo para fazer crer que uma corrente republicana era contra a Camara, foi como a primeira inutilizada.

Sobre a terceira proposta a assembleia guiada por um sectarismo pouco lisonjeiro, não a viu clara bastante e, depois duma calma, acceitou-a... mas com uma emenda. Assim, ella que na sua redacção primeira consubstanciava o mesmo sentimento, e era *mais politica*, ficou redigida segundo uma emenda do cidadão Guilhermino Rodrigues.

A quarta proposta foi finalmente approvada, depois de a haver por igual condemnado com as outras o cidadão Francisco Beltrão.

Tambem mais duas propostas foram presentes: uma do cidadão Guilhermino Rodrigues reprovando as declarações do grande escriptor Bruno, e outra do cidadão Agostinho Rocha saudando o ex.^{mo} ministro da justiça pela promulgação da lei do Registo Civil. Não havendo mais nada a tratar foi encerrada a sessão, eram 11 1/2 horas da noite.

Transcrevemos para aqui a copia d'um officio que com data de 22 enviamos ao

«Cidadão Rodrigo Pimenta Presidente do Centro Republicano.

Profundamente desgostoso com os factos passados na Assembleia Geral de 21 do corrente, peço-vos que tomeis em consideração o meu pedido de demissão de membro da directoria desse Centro a que tão dignamente presidis.

Saudé e Fraternidade.

A. L. de Carvalho.

O cão d'Avenida

E' terrivel aquelle canzarrão encarregado pelo seu dono de guardar a horta e o quintal, ali ao principio da Avenida Velha! Não é porque o *fiel guarda* se agarre aos fundilhos de quem quer; é porque sendo a Avenida um passeio de deleite, custa apanhar aquelle susto que o *vil rafeiro* nos prega... á má-cara!

Em verdade digamos que tal cão, com taes costumes e em tal logar, não está bem!

Guardem a quinta e o pomar, como entenderem, mas o bicharço é inconveniente.

Porque não convencem o molosso a falar noutra voz a quem passa... manso e quieto pelo seu caminho? Vá, talvez que elle seja mais razoavel que as auctoridades que o consentem.

NOTICIAS

José Correia Teixeira
Guimarães

Proveniente da Suissa aonde esteve em tratamento da saude, chega hoje a esta cidade acompanhado de sua esposa, este nosso amigo e conterraneo, commerciante em Manaus.

Cumprimentamol-o affectuosamente.

Uma cabeça... extraviada

Dous chapéus de côco foram trocados um dia da semana passada no tribunal.

Se quem o levou pensar por a outra cabeça e não lhe quizer uzar o chapéu, é favor trazel-o ao respectivo cabide.

Sim, porque isto de fazer bem... não deve ser só aos chapéus.

Nesta redacção se diz... e guarda segredo.

Batalhão de Voluntarios
da Republica

Realisou-se na sexta-feira passada, uma reunião da commissão organisadora deste batalhão.

Foram presentes dezoito propostas de cidadãos para voluntarios, sendo approvadas dose.

Foi resolvido começar-se desde já a organização dum regulamento para o bom funcionamento do serviço, sendo encarregado da sua elaboração o presidente da commissão, Guilhermino A. Rodrigues.

Discussiram-se diversos assumptos mais, e deu-se andamento a vario expediente.

No domingo realisou-se o segundo exercicio no quartel de infantaria 20, correndo este no meio do maior entusiasmo e na melhor ordem possivel, notando-se o grande adeantamento dos alistados, facto este que se explica facilmente pela boa vontade que a todos anima de se tornarem uteis ao paiz e á Republica.

A instrucção foi ministrada pelo tenente sr. Valle, que ao terminar pronunciou um bello discurso sobre o fim a que visa este batalhão, dizendo que elle se não destina a defender ou mesmo apoiar esta ou aquella facção politica, mas sim, só e exclusivamente, foi creado para a defesa da Patria e da Republica.

Livros recebidos

Recebemos um opusculo com o titulo «Perfis Artisticos» de B. V. Moreira Sá, em que o seu auctor, Antonio Arroyo, evidencia o talento do seu perfilado, quer como artista, quer como polyglotta. Foi grande o genio de Moreira de Sá; como artista deleita-nos com os accordes da sua musica, como polyglotta presta grandes auxilios com os seus methodos aos que desejam conhecer com facilidade as linguas estrangeiras. A belleza e a arte merecem deveras a nossa sympathia, tanto pelo conforto como pela alegria que nos proporcionam. O amôr canta-nos no peito, como uma ave irrequieta, hymnos sagrados de religioso devaneio. A natureza desvendanos os panoramas mais soberbos, desenrolando á nossa vista a extraordinaria scenographia da terra e do mar. O artista procura sempre saciar a sua alma insatisfeita e insofrida na belleza e na arte, para offerecer á Humanidade os productos do seu talento.

A presente obra, que é um trabalho delicado e primoroso, é de summo interesse para aquelles que desejam conhecer os grandes problemas da arte.

Agradecemos o offerecimento.

Noticias militares

—Foi collocado em infantaria 20 o tenente sr. Carlos Augusto Vergueiro.

—Foram amnistiados todas as penas disciplinares a officiaes e praças de pret, até 4 de novembro do anno findo.

—Foi concedida a medalha de cobre da classe de comportamento exemplar, ao musico de 2.^a classe de infantaria 20, sr. Annibal.

Recolheram as forças de infantaria n.º 20 que estavam destacadas em Valpassos, Alijó e Regua.

—Foi classificado para empregos publicos de 3.^a cathegoria, o 2.^o sargento de infantaria 20, sr. Guilherme M. Gonçalves.

—Marchou para a carreira de tiro de Penafiel, afim de receber instrucção de tiro ao alvo, uma força de infantaria 20 composta de 48 praças, sob o commando do tenente, sr. Oscar do Valle.

—Tambem para ali marchou o tenente sr. Senna Lopes, official de tiro e armamento.

—Foram concedidos 25 dias de licença disciplinar ao 1.^o sargento, sr. Antonio J. Martins.

—Fizeram exames de habilitação para 1.^o cabos de infantaria os snrs. José de Bastos, José Alves, Carlos Leite Guimarães, Manoel Salgado, Alvaro M. do Valle Rego, Affonso Alves d'Almeida, Antonio da Silva, Eduardo Pereira e Manoel Antonio d'Affonseca, sendo approvados e os snrs. Annibal Leite da Silva e João Ribeiro dos Santos, sendo approvados com distincção, pelo que foram premiados.

—Apresentou-se de licença da junta o capitão sr. Alcino Machado e de licença disciplinar o 2.^o sargento, sr. Cardozo Rangel.

—Entraram no gozo de licença disciplinar o 2.^o sargento, sr. Pedras e o musico de 3.^a classe sr. José Fernandes, ambos de infantaria 20.

—Deu parte de doente no seu quartel o alferes sr. José V. de Faria.

Dr. Eduardo d'Almeida

Partiu ha dias para Lisboa o illustre administrador deste concelho.

Feliz regresso.

Assembleia geral

Para o dia 8 do proximo março se annuncia uma assembleia geral na Sociedade M. Sarmiento a qual temde proceder á elleição dos seus corpos gerentes.

Que os associados desta collectividade de instrucção se habituem a concorrer a estes actos, são os nossos votos, pois é desse interesse que resulta uma acertada escolha nos seus dirigentes, acabando-se assim com certos defeitos de origem...

ANNÚNCIOS
EDITAL

(2.^a Publicação)

O cidadão Bacharel Eduardo d'Almeida, administrador do concelho de Guimarães:

Faz saber que Joaquim Ferreira dos Santos Junior e Manuel Arthur Gonçalves Ferreira, ambos desta cidade, apresentaram nesta administração um requerimento pedindo concessão de licença para o estabelecimento de uma fabrica de pentes de chifre, celluloides, nickelagem e moagem de cereaes, n'um terreno situado na rua da Liberdade e junto á ponte da Madrôa, freguezia de Urgeztes, d'este concelho.

Dentro da referida fabrica será installada uma caldeira de alta pressão semitubular de fornalha amovivel, typo Thomaz & Lausense, construida na casa Piquet & C.^a, de Lyão (France), com a superficie de aquecimento de 14 metros quadrados e 5 kilos de timbre regulamentar.

Este estabelecimento acha-se classificado na 2.^a classe da tabella annexa ao Decreto de 21 de Outubro de 1863 com a indicação dos inconvenientes seguintes: fumo, perigo de explosão e incommodo que resulta do trabalho dos moinhos.

São por isso convidadas as auctoridades publicas, os chefes e agentes de quaesquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas, a reclamar por escripto nesta administração do concelho, no praso de trinta dias a contar da data da publicação do presente edital, se quizerem oppôr-se á concessão da referida licença; e, findo que seja aquelle praso, não havendo reclamação alguma, seguirá o processo seus devidos termos.

Para constar mandei passar o presente edital e outro de igual theor que serão affixados nos logares indicados no § 1.^o do art. 6.^o do Decreto de 21 de Outubro de 1863.

Administração do Concelho de Guimarães, 10 de fevereiro de 1911. E eu Manoel de Freitas Aguiar, secretario, o sub-screvi.

O administrador do concelho,

Eduardo d'Almeida.

ALVORADA

SALGADO

RUA NOVA DE SANTO ANTONIO—GUIMARÃES

Grande saldo de pellerines e bichos de pelle

Com abatimento de 50 e 70 por cento

Camisolas de lã para senhora e homem

CASA COMMERCIO E INDUSTRIA

FUNDADA EM 1864

AUGUSTO CUNHA & C.^A

27, Rua Nova de Santo Antonio, 29

Armazem de ferragens nacionaes e estrangeiras

Vendas por junto e a retalho

Armazem de Lanificios e Tecidos d'Algodão

DE

DUARTE, AREIAS & C.^A

Largo do Toural, 130 a 132 e Rua Nova de Santo Antonio, 1 a 5

GUIMARÃES

Vendas a preços fixos



Atelier da Moda

High-Life

Chapeus para senhora e creança

Exposição permanentemente aberta no 1.º andar

Grande sortido de luvas para inverno

Ultimas novidades

93—Rua da Rainha—97

CARDOSO

TOURAL N.º 102 E 104

A casa que vende mais barato

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, anno (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	20 "	Annuncios, não judiciais, para os surs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ex.^{mo} Snr.